

Entre escola e terreiro: Processos de formação de jovens candomblecistas

Maritana Drescher da Cruz¹

Kátia Maria Kasper²

Introdução

Essa comunicação nasce de uma pesquisa em curso sobre relações do ensinar-aprender entre terreiro e escola, interpretações de mundo e formação de jovens estudantes candomblecistas, que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação - Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Afirmação de potências

No ambiente escolar se vivenciam tensões, envolvendo a diminuição da potência de ser dos estudantes, como racismo e intolerância religiosa. Mas essa pesquisa se propõe e caminha no sentido da afirmação das potências dos processos educativos vivenciados por estudantes e candomblecista no município de Curitiba. Assim sendo, buscamos conhecer as relações do ensinar-aprender em terreiros, interpretações de mundo e formação desses jovens, bem como a força de criação dos processos educativos vivenciados por candomblecistas entre espaços de formação, a escola e o terreiro³.

Acompanhar as contribuições e tensões entre diferentes modos de ensinar e aprender, na escola e no candomblé⁴, percebendo também como cada um dos modos contribui diferentemente para a produção de subjetividades. Pensar o candomblé como uma religião cujos aprendizados envolvem práticas pedagógicas diferentes daquelas praticadas na escola; conhecer suas ações, dinâmicas e

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino – Mestrado Profissional da Universidade Federal do Paraná. Professora da Rede Estadual de educação/PR. E-mail: maritana.historia@hotmail.com.

² Professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE-TPE) e em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: katiakasper@uol.com.br.

³ Terreiros são locais que acontecem os cultos e rituais do candomblé.

⁴ Candomblé é uma reconfiguração de um culto de origem africana (culto aos orixás) deslocado para o Brasil pelos(as) negros(as) oriundos(as) da Nigéria, ex-Daomé e Togo. Esse culto é realizado em homenagem aos *Orixás*.

performances a partir da processualidade das vivências desses jovens entre terreiro e escola.

Investigar alguns modos de ensinar e aprender no candomblé implica um convite à abertura, à atenção, aos detalhes, para buscar elementos/procedimentos que constroem terreiros como espaços também educativos, formativos e de transformação. Escolas e terreiros são espaços formativos diferentes. Assim sendo, a pergunta feita é como educam e formam jovens estudantes candomblecistas? Como esses processos de formação interagem? Que tipos de subjetividades favorecem, no caso, os jovens pesquisados?

Conhecer algumas possibilidades de ensinar e aprender, nos processos de formação de jovens estudantes candomblecistas, conhecer seu transitar de saberes em meio ao desenvolvimento de sensibilidades, emoções e identidades que transpõem a educação praticada nas escolas, inspira-nos a pesquisar.

Cartografia: uma metodologia agenciada

Para acompanhar tais processos formativos, elegemos a cartografia como metodologia, analisando contribuições e tensões entre diferentes modos de ensinar e aprender, na escola e no candomblé, bem como cada um contribui para a produção de subjetividades.

O conceito de cartografia foi enunciado por Gilles Deleuze e Félix Guattari e exposto na introdução de *Mil platôs*, vol. 1. Essa metodologia nos permite acompanhar processos. Ela vai na contramão do caminho previsto, linear, com uma rota definida para que se chegue ao fim. Segundo Barros e Passos (2015, p. 31) “o método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas”. Com a cartografia abrem-se possibilidades de tecer, acompanhar percursos, deixar-se contagiar por narrativas, transpor dicotomias, disseminar multiplicidades.

Acompanhar tais processos no sentido de processualidade como apontado por Kastrup e Barros (2015), caminhar junto com a/na pesquisa. O caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem, sem separar a pesquisadora do/da participante do processo em curso. Pois, segundo Barros e Passos (2015, p. 31) “Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no

caminho”. Como nos traz a poesia de Antonio Machado “... Caminante no hay camino, se hace el camino al andar...” (Antonio Machado) ⁵.

As fontes da pesquisa estão sendo agenciadas no processo da composição da escrita, podendo ser escritas ou não, nem só teóricas, mas também poéticas e filosóficas, pois segundo Rolnik (2016, p. 65), “tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentindo”, podem ser entradas bem-vindas a campo. Dessa maneira agenciamos para essa composição o diário de bordo com as anotações e reflexões das vivências em campo, filmes, *itans* (lendas), cantigas e *sassanhas* (rezas), imagens e depoimentos dos jovens candomblecistas eleitos para essa pesquisa.

Uma professora aprendiz de cartógrafa que habita um território existencial

Para cartografar processos de formação de jovens candomblecistas entrecruzo-me entre a candomblecista, a professora e a pesquisadora. A experiência do aprendizado no candomblé apresenta entrada para acompanhar o processo de construção de um território existencial, da candomblecista e cartógrafa aprendiz. Pois falo do lugar de uma filha de *Oxum* com *eledá Iponda, abiã*⁶ de candomblé, da casa *Ilê Àsé Álaketú Ijobá Òsún Ògún*, localizada no bairro xaxim em Curitiba. Além da filha de santo, falo também do lugar de professora de História e Ensino Religioso da rede estadual de educação do Paraná.

Segundo Alvarez e Passos (2015), estar implicado num território existencial na ótica da pesquisa cartográfica não é postar-se de maneira hierárquica diante do objeto, não se tratando de uma pesquisa sobre algo, mas uma pesquisa com algo ou com alguém. Compondo um território existencial, engajando-se nele.

Educação e candomblé

Sobre o campo educação-terreiros ou educação-candomblé, as buscas realizadas apontam que existem estudos sobre o candomblé pela ótica da antropologia, das ciências sociais, da ciência da religião, entre outros, que nos trazem conhecimentos de suas práticas, rituais, tradições, etc. Mas, no que toca o campo da educação, poucas pesquisas foram encontradas. Assim sendo, educação

⁵ Machado Antonio. Caminante no hay camino. Disponível <https://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm>. Acesso 22 de set 2017.

⁶ *Abiã* filho(a) de santo não iniciada no culto.

e terreiro se apresentam como uma área fértil, na qual emergem muitas questões até então não contempladas.

Essa escassez de produções acadêmicas que versam sobre educação e candomblé é explicada por Quintana (2016, p.13) devido ao fato de tratar-se de um campo de tensões. Nas palavras do autor, “o estudo da religiosidade de matrizes africanas gera certo ‘mal-estar’ dentro dos currículos acadêmicos, tensionando as relações dentro do campo educacional brasileiro”. Tal avaliação parece caber também em currículos escolares de ciclo básico, pois essa mesma tensão surge quando se pretende trabalhar as questões étnico-raciais a partir do viés religioso. Apesar de terem se passado mais de uma década da promulgação da lei 10.639/03⁷, religiões de matriz africana ainda aparecem como um tabu; e essas tensões e esse mal-estar ainda pairam nos ambientes escolares.

Aprender no Candomblé: Oralidades, tempo e socialização

O aprender no candomblé envolve elementos fundamentais, que interagem entre si. Esses elementos são: a oralidade, o tempo e a socialização. Esses elementos dialogam entre si e o conhecer é tecido durante o caminhar de cada filho(a) dentro do terreiro.

Entre várias diferenças que vertem nesse lócus de educação, é uma pedagogia que adota a oralidade em detrimento da escrita. Um ensinar-aprender que parece esquivar-se das fontes teóricas, de livros, apostilas e escritos sagrados. Mecanismos de aprendizagem que resistem a uma pedagogia norteada pela escrita e pautam-se numa outra lógica, a da observação paciente e da oralidade no silêncio. Pois o candomblé parece estar amparado essencialmente na oralidade, sendo a tradição e os conhecimentos mantidos pelos diálogos que repercutem no interior dos terreiros.

O aprender no candomblé parece estar permeado por vários dispositivos facilitadores desse processo, que envolvem a observação das práticas do cotidiano

⁷ Em março de 2003, foi aprovada a lei Federal 10.639/03, que torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. Essa lei alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) nº 9394/96, com o objetivo de promover a educação no sentido de valorização da contribuição do povo negro.

no terreiro, os rituais, as comidas de santo, as danças de cada *orixá*⁸, a língua, as músicas, os toques dos atabaques, entre outros dispositivos.

Aprender nos terreiros pode acontecer de maneira lúdica, onde prazer e aprender não precisariam estar separados, pois os movimentos de aprendizagem no terreiro pautam-se em elementos menos sisudos, mais soltos, dinâmicos e alegres, como a musicalidade; quando se aprende a cantar e rezar para cada *orixá*, no caso da nação *ketu*, em *Yorubá*; como a dança; quando se aprende a dançar caracteristicamente como *orixá* encenando seus *itans* (lendas); e como o sabor; da culinária, das comidas ritualísticas e sagradas de cada *orixá*. E, apesar de prazenteiro, existe uma manutenção da criteriosidade e da seriedade nos processos ritualísticos nos quais se ensina e se aprende.

Percebemos que nos processos de formação do candomblé admitem-se diferentes temporalidades, pois a implicação nos sentidos da aprendizagem é diferente de indivíduo para indivíduo.

Tempo e paciência são requisitos agenciados por adeptos do candomblé, pois processos de aprendizagem em terreiros não são lineares nem objetivos. O tempo de aprendizado é subjetivo e difere de pessoa para pessoa. Para Quintana (2016, p.39) os processos de aprendizagem no candomblé demandam tempo e dedicação “o tempo do olhar descompromissado, da pergunta não feita, do andar no sentido oposto àquilo que buscamos, pois na cultura religiosa do candomblé, cabe aos *orixás*, *voduns* e *inquices* nos dizer o que podemos alcançar e quando isso acontecer”.

Vibrar, crescer, dividir, socializar e contagiar são verbos operados nos processos de ensinar aprender nos terreiros. O aprendizado se dá na socialização, nas práticas cotidianas, com os mitos e lendas contadas pelos irmãos e irmãs mais velhos(as). Conforme o iniciado se movimenta, interage e dialoga em comunidade, ele agencia a formação de seus saberes religiosos.

Um verbo muito conjugado nos terreiros é participar, pois uma aprendizagem requer participação, num aprender constante do(a) filho(a) no terreiro. Em cada

⁸ Para Pierre Verger (2002) *Orixá* seria, em princípio, um ancestral divinizado que, em vida, estabelecera vínculos que lhe garantiam um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, assegurando-lhe a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou ainda, adquirindo o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. O ancestral-*orixá* teria o poder, a faculdade de manifestar-se momentaneamente em um de seus descendentes durante o ritual.

função, obrigação, feitura de santo e festa do terreiro, reclama-se a presença para ajudar, acompanhar os trabalhos executados pelos mais velhos, visualizar e participar das atividades, de acordo com o estágio de aprendizado que lhes é permitido.

Estar nos terreiros proporciona encontros potentes nos processos de aprendizado. Assim cada um alcança gradativamente, num tempo e numa lógica própria e subjetiva, os conhecimentos do candomblé. Pois é na convivência que os mais jovens no santo vão se ambientando, se adaptando e compreendendo alguns processos. Assim sendo, o tempo e a paciência integram-se aos processos do ensinar e aprender.

O aprender nos terreiros escapa de processos lineares, subverte as linhas rijas, não obedece a uma sequência, como afirma Conceição (2006, p. 30) “a dinâmica da Roça burla estas previsões, mostrando as facetas do conflito que lhe é intrínseco; é difícil fazer uma programação de quanto tempo se levará um ritual, da mesma forma que se prevê o tempo de uma aula, ou de uma consulta médica”.

Conhecimentos também são adquiridos por meio da observação, pois muitas coisas que não são faladas, sendo apenas observadas e repetidas, e, no tempo certo, se entende esse ou aquele fundamento. Assim, muitas vezes a repetição vem antes do entendimento. Sobre isso, Quintana (2016, p.38) diz que “o tempo no candomblé é da pergunta não feita”.

A socialização que acontece num terreiro está estreitamente ligada ao aprendizado. Quando um(a) novo(a) filho(a) entra no terreiro ele(a) normalmente é acolhido pelo pai ou mãe pequeno(a), com o aval do pai ou mãe de santo. Já nesse acolhimento algumas informações e instruções de normas e conduta muito básicas são ensinadas oralmente.

Algumas considerações

Aprender no candomblé, com o candomblé e no candomblé, reclama afinar a escuta, abrir-se atentamente às oralidades, entender que o tempo no candomblé assume novas roupagens, que se enuncia de forma diferente e que o aprender exige socialização entre o(a) filho(a) e a comunidade de terreiro.

O aprendizado nos terreiros baseia-se na prática, no tempo e na vivência de cada filho(a). O conhecimento é fruto de anos de socialização na comunidade de

candomblé, pois é preciso integrar-se constantemente nas atividades do terreiro, escutando o que contam e ensinam os pais, mães e irmãos(as) mais velhos(as) de santo.

Esse espaço educativo do terreiro tem uma dinâmica pedagógica interna e singular e tais processos de aprendizagem diferem daqueles encontrados nas escolas.

Referências

AMADO, J. *Bahia de todos os santos: guia de ruas e mistérios*. Salvador: Companhia das letras, 2012.

ATLÂNTICO NEGRO - NA ROTA DOS ORIXÁS. Direção: Renato Barbieri. Brasil: Gaya filmes, 1998. Documentário, 54 min, sonoro, legenda, color., 35mm.

BESOURO. Direção: João Daniel Tikhomiroff. Brasil: Globo filmes, 2009. 95 min. Sonoro, português, color.

CANAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANAU, V.M.; MOREIRA, A.F. *Multiculturalismo, Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.13-37.

CAPUTO, S. G. *Educação nos terreiros; e como a escola se relaciona com as crianças de candomblé*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

_____. Ogan, adósu, òjè, ègbómi e ekedi O candomblé também está na escola. Mas como? . In: CANAU, V.M.; MOREIRA, A. F. (org.). *Multiculturalismo, Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.149-181.

CONCEIÇÃO, L. A. A. da. *A pedagogia do candomblé: aprendizagens, ritos e conflitos*. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) setor de educação, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/pdfs/educacao/2006/lucio_andre_andrade_da_conceicao.pdf >. Acesso em: 24 de maio de 2017.

CRUZOE, N. M. C.; SOARES, C. C.M. Experiência educativa no candomblé e suas reverberações no cotidiano da escola. *Revista Espaço do currículo*, v.9, n.3, p. 393-403, Setembro a Dezembro de 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/rec.v9i3.30104/16785>.

Acessado em: 02 de jan. de 2017

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: Por uma literatura menor*. Lisboa: Editora Assírio e Alvin, 2003.

_____. Mil Platôs. *Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1, São Paulo: Editora 34, 1995,

_____. Mil Platôs. *Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 4, São Paulo: Editora 34, 1997.

GALLO, S. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. *Reunião Nacional da ANPED*, 36, Goiânia/GO, 2013.

_____. Em torno de uma educação menor. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 27, n.2, p. 169-178, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>. Acessado em: 24 de out. de 2016.

_____. Anarquismo e educação: os desafios para uma pedagogia libertária hoje. *Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais*, n. 36, abr. 2012, pp. 169-186. Disponível em: <https://crabgrass.riseup.net/assets/111454/versions/1/Anarquismo%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20S%C3%ADvio%20Gallo.pdf>. Acessado em: 06 de nov. de 2016.

GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2003, v. 46. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v46n2/a12v46n2.pdf> acessado em: 09 de jan. de 2017.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. 11 ed. Campinas: Papirus, 2001.

JOSSO, C. *Experiências de vida e formação*. Tradução José Claudino e Julia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Literatura experiência e formação. In: COSTA, M.V. *Caminhos investigativos, novos olhares na pesquisa em educação*. 3ª ed. Porto Alegre: Lamparina, 2007. p.129-156

KASPER, K. M. *Experimentações clownescas: os palhaços e a criação de possibilidade de vida*. 442 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. Educação? Formação? Subjetivação? – reinventar-se na experimentação, ou de como se chega a ser o que se é contra o que se é, rindo de si mesmo. *Anais Seminário do 16º Congresso de Leitura*, Campinas, 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss09_01.pdf. Acesso em: 31 de ago. 2016.

_____. Dos corpos sentados aos gestos em fuga: estatutos dos corpos em processos de formação. *Revista da Faculdade de Educação* (Universidade do Estado de Mato Grosso), ano IX, n 15, jan./jun. 2011, pp.79-98. Disponível em: http://www2.unemat.br/revistafaedcontent/vol/vol_15/artigo_15/79_95.pdf. Acesso em: 30 abr. 2017.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. *Pistas do método da cartografia: A experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina. 2014.

PEREIRA, D. A. L. *Experiência, singularização, ecosofia: Cartografia de processos de formação*. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação em ciências e matemática) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PORTO, L. *O ensino da história e cultura afro-brasileiras e a temática religiosa: Dilemas enfrentados na aplicação da lei nº 10.639/03*. Curso de especialização das relações étnico- raciais NEAB/UFPR. 2014

QUINTANA, E. *Èkòolé, no candomblé também se educa*. Jundiá: Paco editorial. 2016.

_____. A escola e o terreiro na perspectiva de família candomblecista. *Revista fórum identidades*, Itabaiana, v. 17, Ano 9, 2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/4738>. Acesso em: 11 jan.2017.

PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

SOUZA, C. P.; PASSEGUI, M. C. Vídeo biografias de exclusão na escuta de comportamentos desafiadores na escola. UFRN. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica*, v. 1, nº 1, p. 89-103. jan./abr. 2016.

VERGER, P. F. *Orixás: Deuses iorubás na África e no novo mundo*. Salvador: Corrupio, 2002.

VEIGA-NETO, A.; LARROSA, J. Literatura, experiência e formação (uma entrevista com Jorge Larrosa). In: COSTA, M. V. (org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 3ª ed., RJ: Lamparina. 2007. p. 129-156.